

**Insper Instituto de Ensino e Pesquisa**  
**Faculdade de Economia e Administração**

**Daniela Van Deursen Parmigiani**

**CRISE DE 1929 E SUA TRANSMISSÃO PARA A ECONOMIA  
FRANCESA**

**São Paulo**  
**2016**

Daniela Van Deursen Parmigiani

**Crise de 1929 e sua transmissão para a economia francesa**

Monografia apresentada ao curso de Ciências Econômicas, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel do Insper Instituto de Ensino e Pesquisa.

Orientador:  
Prof. Fernando Ribeiro Leite Neto – Insper

**São Paulo  
2016**

Van Deursen Parmigiani, Daniela

Crise de 1929 e sua transmissão para a economia francesa /  
Daniela Van Deursen Parmigiani– São Paulo: Insper, 2016.  
45 p.

Monografia: Faculdade de Economia e Administração. Insper  
Instituto de Ensino e Pesquisa.

Orientador: Prof. Dr. Fernando Ribeiro Leite Neto

Daniela Van Deursen Parmigiani

## **Crise de 1929 e sua transmissão para a economia francesa**

Monografia apresentada ao curso de Ciências Econômicas, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel do Insper Instituto de Ensino e Pesquisa.

Orientador:

Prof. Dr. Fernando Ribeiro Leite Neto–

Insper

Data de aprovação: \_\_/\_\_/\_\_

### **BANCA EXAMINADORA**

---

Fernando Ribeiro Leite Neto  
Professor da Graduação de Ciências Econômicas  
Insper

---

Vinicius de Bragança Muller e Oliveira  
Professor da Graduação de Ciências Econômicas  
Insper

---

Nelson Mendes Cantarino  
Professor da Graduação de Ciências Econômicas  
Insper

## DEDICATÓRIA

Gostaria de dedicar essa dissertação, principalmente, aos meus pais e minha irmã, que me apoiaram durante toda a minha trajetória da graduação, sempre me incentivando a não desistir de meus sonhos. Em especial, gostaria de agradecê-los pela oportunidade que me proporcionaram de estudar na França, a qual me fez evoluir muito, tanto como pessoa, como academicamente, dando-me a base necessária para escrever o presente trabalho.

Dedico este trabalho também aos professores que tive durante a graduação, sempre muito pacientes e dispostos a me ajudar da melhor maneira possível.

Dedico, por fim, a todo aqueles com quem construí um vínculo de amizade ao longo dos oito semestres da graduação, a quem tenho muita gratidão, por estarem comigo em todos os momentos, não importa as circunstâncias.

## AGRADECIMENTOS

Meus agradecimentos ao Insper, uma instituição de ensino que durante toda a minha trajetória acadêmica ofereceu uma ótima estrutura para o aprendizado, com um excelente corpo docente, preocupando-se sempre com o bem-estar dos alunos e em proporcionar um melhor futuro ao país, por meio da formação de ótimos profissionais.

Gostaria de agradecer também ao meu professor orientador Fernando Ribeiro, pela sua disposição em me auxiliar no presente trabalho, não apenas estruturalmente, mas também com sugestões e ideias para o seu progresso.

## Resumo

Van Deursen Parmigiani, Daniela. Crise de 1929 e sua transmissão para a economia francesa. São Paulo, 2016. 45p. Monografia – Faculdade de Economia e Administração. Insper Instituto de Ensino e Pesquisa.

A crise de 1929 foi o início de uma grande depressão econômica, que persistiu ao longo da década de 1930. Esta teve repercussões em todo o mundo, não apenas nos Estados Unidos, mas também nas principais economias mundiais, como a França. O presente trabalho procura analisar os efeitos, tanto políticos como econômicos, da crise de 1929 na França. O foco será nos efeitos monetários e fiscais ocorridos durante o período compreendido entre 1929 e 1939, assim como nas medidas adotadas pelo o governo para se recuperar de tal depressão.

Palavras-chave: crise de 1929, França, economia francesa

## Abstract

Van Deursen Parmigiani , Daniela . 1929 crisis and its transmission to the French economy. São Paulo, 2016. 45p . Monograph – Faculdade de Economia e Administração . Insper .

The 1929 crisis was the beginning of a great economic depression that persisted throughout the decade of 1930. This had repercussions worldwide, not only in the United States, but also in the main world economies, as France. This paper analyzes the effects, both political and economic, of the 1929 crisis in France. The focus will be on monetary and fiscal effects between 1929 and 1939, as well as on the measures taken by the government to recover from this depression.

Keywords: crisis of 1929 , France , French economy , impact of the 1929 crisis.



## Lista de Tabelas

Tabela 1 – Porcentagem da distribuição da produção industrial, 1913-26/1929....

Tabela 2 – Índices de Preços ao consumidor (1914-1920) .....

Tabela 3 – Balança Comercial francesa e alemã (1928-1932).....

Tabela 4 – Despesas com desemprego e assistência (1932 – 1936).....

## Lista de quadros

Quadro 1 – Fluxos de pagamentos e de reparações de Guerra. 1924-31.....

## Lista de Figuras

Figura 1 – Valor da Libra inglesa (1750-2002).....

# Sumário

<b>1. Introdução</b> .....	
1.1. Da Primeira Guerra Mundial ao início da crise.....	
<b>2. A economia mundial após a Primeira Guerra Mundial.</b> .....	
2.1. Aspectos descritivos do período .....	
2.2. A crise de 1929: visões e interpretações .....	
2.3. A França na década de 1920	
2.3.1. A crise monetária e a estabilização do franco	
.....	
<b>3. Efeitos e desdobramentos da Depressão na economia francesa.</b> .....	
3.1. A entrada da França na Crise.....	
<b>4. A Frente Popular: Reformas e ajustes à crise</b>	
2.1 Política: Frente Popular e suas origens.....	
2.2. Política Econômica: reformas adotadas e consequências.....	
<b>5. Conclusão</b> .....	
<b>6. Referências.</b> .....	

## 1.Introdução

### 1.1. Da Primeira Guerra Mundial ao início da crise

Após o término da Primeira Guerra Mundial (1914-18), o continente europeu se encontrava destruído, com a economia enfraquecida e o consumo retraído.

Os Estados Unidos, nesse cenário, lucravam com a exportação de industrializados para Europa. O período entre 1918 e 1928 foi marcado por uma superprodução norte-americana, ficando o estilo de vida dos norte-americanos conhecido como *“american way of life”*. Dessa maneira, com uma alta produção, o desemprego era baixo e o consumo estava sendo incentivado cada vez mais pela expansão de crédito. Eram poucas as restrições para um cidadão americano conseguir pegar um empréstimo bancário.

Tabela 1 – Porcentagem da distribuição da produção industrial, 1913-26/1929

Período	EUA	Alemanha	Grã-Bretanha	França	URSS	Japão	Outros Países
1913	35,8	14,3	14,1	7	4,4	1,2	23,2
1926/29	42,2	11,6	9,4	6,6	4,3	2,5	23,4

Fonte: KENWOOD & LOUGHEED (1992). P.171

Com o passar do tempo, os países europeus foram se recuperando do abalo causado pela Primeira Guerra Mundial, passando a importar cada vez menos produtos dos Estados Unidos (Tabela 1). Com isso, passaram os norte-americanos a ficar com um excesso de oferta, tendo que diminuir os preços e dispensar funcionários, aumentando assim o desemprego. A superprodução americana não era acompanhada pelo aumento do consumo, uma vez que o poder aquisitivo das pessoas não crescia na mesma velocidade da produção.

A superprodução juntamente com o liberalismo do mercado, isto é, a não intervenção do Estado na economia, levou à quebra da Bolsa de Nova York em 24 de outubro de 1929. Os investidores quiseram vender suas ações, mas não havia compradores. Tal cenário diminuiu os investimentos nas empresas, o que as levou a demitir parte de seus funcionários, aumentando significativamente o desemprego. A

quebra da bolsa afetou o mundo inteiro, uma vez que a economia norte-americana era o centro do capitalismo mundial.

A difusão da crise se deu através de diversos canais. Como os bancos americanos tinham interesse no mercado financeiro europeu e compartilhavam muitos ativos, a crise financeira se propagou progressivamente para toda a Europa, e em especial para a Alemanha que contava com financiamentos dos EUA para estruturar sua recuperação após a I Guerra Mundial. Paralelamente, as negociações internacionais sofreram um impacto de desaceleração.

Vale ressaltar que para alguns economistas, como Peter Temin (1975, *Lessons for the present from the great depression*, p.5), a crise foi causada não pela superprodução, mas por uma política monetária mal planejada pelo Sistema Federal de Reservas Bancárias (Federal Reserve System - FED) dos Estados Unidos. Estes erroneamente acreditavam que o país estava com uma alta inflação, optando assim por elevar as reservas compulsórias dos bancos privados, agravando o problema da época, que não era a inflação e sim a deflação.

Com relação à França, sua economia entrou em declínio e de forma gradual na depressão. Em 1930, a França era conhecida como uma “ilha de prosperidade”, diferentemente das outras grandes potências europeias que já sentiam os impactos da crise. No fim de 1929, por exemplo, a Grã-Bretanha já tinha 1,3 milhões de desempregados, a Alemanha 1,8 milhões e a França não tinha mais do que 13 mil (ASSELAIN, *Histoire économique de la France du XVIII siècle à nos jours*.p.180).

A crise global de 1929 ocorreu em um momento em que a econômica francesa parecia finalmente ter superado os efeitos da guerra, porém a década de 1930 ficou marcada como uma nova fase de desequilíbrios. O *déficit* orçamentário voltou, uma vez que a depressão diminuiu as receitas; a baixa geral dos preços, combinada com a rigidez dos custos de produção, deixou cair imediatamente às perspectivas de lucro, afastando assim os investimentos. As diminuições da produção e da receita resultaram em uma contração acumulada da economia, através da queda na demanda.

A economia francesa passou não somente por uma baixa na produção e na atividade econômica, mas também por uma deterioração relativa comparando aos outros países. Na medida em que a depressão se prolongava, a opinião pública francesa sofria uma reversão psicológica, indo de um excesso de confiança para um sentimento de frustração e impotência.

Por fim, uma das medidas realizadas pelo governo francês para superar a crise foi a criação da Frente Popular. Esta, criada em 1935, era uma coligação política de socialistas, comunistas e radicais. Tinha um programa de defesa da liberdade, da paz e proteção social. Venceu as eleições de 1936, chefiada por Léon Blum.

Para tratar dos mecanismos de transmissão da Crise de 1929 para a Economia Francesa, essa monografia trata, no primeiro capítulo, da economia mundial no pós Primeira Guerra Mundial. Busca-se, nesse ponto, traçar um panorama geral que caracterize o contexto no qual a crise de 1929 emerge.

Já no capítulo seguinte, explica-se como foi a propagação da crise de 1929 na economia mundial e, especialmente, francesa. Nesse ponto, discute-se a maneira com a qual a França entrou na crise. Em seguida, é mostrada a solução para tal crise, com o surgimento da Frente Popular e, por fim, há uma conclusão com lições aprendidas do período.





## 2.A economia mundial após a Primeira Guerra Mundial

### 2.1. Aspectos descritivos do período

#### 2.1.1. O mundo no pós-guerra

A Primeira Guerra Mundial deu início a uma fase de profundas rupturas na organização da economia internacional. Para alguns, ela foi o primeiro evento na história em que efetivamente houve um conflito de extensão mundial.

*“A Guerra provou perdas humanas, destruição física, desorganização financeira, contração no produto e condições sociais e políticas instáveis. Tornando frágil o Estado de vários países, especialmente na Europa central e oriental, o processo de reconstrução e recuperação requeria a assistência das potências aliadas, dos Estados Unidos em particular.” (ALDCROFT, 2001 p.5-6)*

Durante o conflito, como a produção se concentrou na indústria bélica, criou-se uma demanda e oferta reprimidas de muitos produtos; não apenas bens duráveis, mas também bens de consumo corrente, que não estavam disponíveis nos anos de conflito. Ao mesmo tempo, com o fim da guerra, o continente Europeu se encontrava com capacidade ociosa na produção de bens da indústria bélica, que não eram mais demandados. Dessa maneira, as economias europeias exigiam volumosas importações, que tornavam suas balanças comerciais cada vez mais deficitárias e aumentavam a necessidade de tomada de empréstimos dos países menos abalados, especialmente, dos Estados Unidos, cuja atividade industrial cresceu expressivamente – 19% - no período de maio de 1919 a janeiro de 1920 (ARTHMAR, 1997, p.93).

O aumento da demanda no pós-guerra levou a abrupta elevação dos preços, parte desta alimentada por políticas monetárias e fiscais expansionistas. Alguns países sofreram um aumento da produção (como os Estados Unidos, Grã Bretanha e Japão), porém, a inflação generalizou-se por toda a Europa, ainda que em graus distintos (Tabela 2).

Tabela 2 – Índices de preços ao consumidor (1914-1920)

Índices de preços ao consumidor (1914-1920)			
	<b>1914</b>	<b>1918</b>	<b>1920</b>
Alemanha	100	304	990
Áustria	100	1163	5115
Itália	100	289	467
França	100	213	371
Suécia	100	219	269
Holanda	100	162	194
Grã-Bretanha	100	200	248
Estados Unidos	100	203	249

Fontes: FEINSTEIN, TEMIN & TONIOLO (1997),p.39. Para os Estados Unidos: ARTHMAR (1997),p.94.

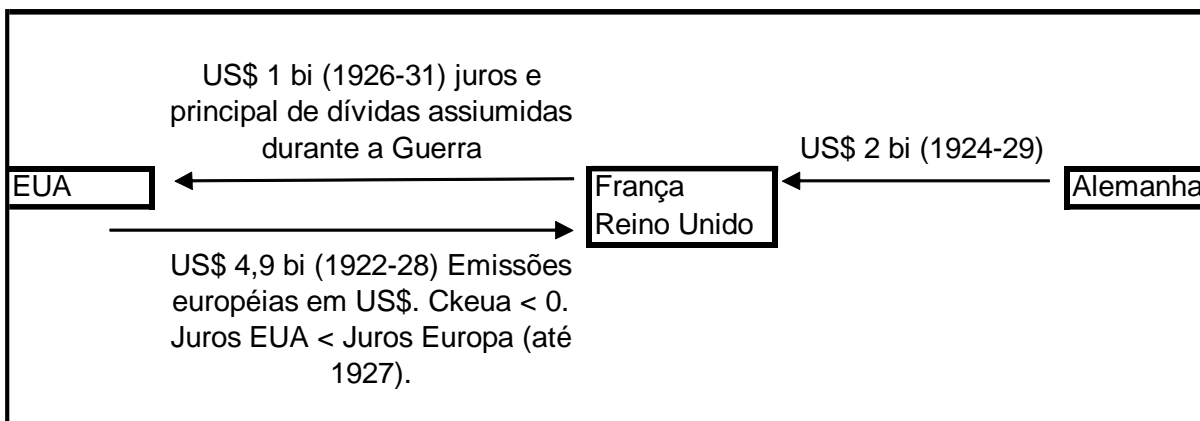
Tal inflação sofreu abrupta e profunda reversão a partir de meados de 1920, principalmente nos Estados Unidos, que passaram de um período inflacionário para uma deflação da ordem de 43%. Existem três explicações para esse processo reversivo: (i) o aumento da produção teria alcançado o nível de demanda, (ii) processos especulativos atuando como inibidores econômicos (na medida em que os salários não acompanhavam a inflação, diminuindo a demanda) e, por fim, (iii) políticas fiscais e monetárias restritivas promovidas nos Estados Unidos e na Grã-Bretanha.

Tais mudanças contribuíram para a depressão de 1921, que atingiu diversos países de forma variada. Alguns controlaram a inflação depois de 1920, promovendo alguma deflação (caso de Suíça, Suécia, Noruega, Dinamarca e Holanda), outros, como a França e a Itália, continuaram a registrar algum grau de inflação. Porém, a Alemanha, Áustria e Hungria passaram por hiperinflações em níveis inéditos na história econômica mundial. (FEINSTEIN, TEMIN & TONIOLO, 1997,p.39).

Na recuperação da economia após a guerra, muitos países abandonaram as ideias de liberalismo econômico e passaram a adotar políticas protecionistas. Os países europeus, neste cenário de queda das exportações para o restante do mundo, de destruição de parte significativa das indústrias e desorganização da economia mundial, precisavam ter condições de cumprir com os pagamentos da

dívida externa perante os Estados Unidos (Quadro 1). Dessa maneira, a reconstrução era uma tarefa difícil, que foi piorada com a condução dos tratados de paz (em especial o Tratado de Versalhes), que impôs pesadas penas e dívidas para os países perdedores. (ALDCROFT,2001,p.9).

Quadro 1 – Fluxos de pagamentos e de reparações de Guerra. 1924-31



Fonte: Eichengreen (2000)

### 2.1.2. Uma Alemanha derrotada

Em março de 1918, após a revolução socialista, o governo russo se retirou da guerra, sendo seguido por outros países, como o Império Turco e o Império Austro-Húngaro. No mesmo ano a Alemanha foi transformada em República e o novo governo aceitou o armistício, dando por encerrado o conflito.

Em 1919, foi realizada uma Conferência em Paris, no Palácio de Versalhes, onde foram tomadas decisões do pós-guerra. O Tratado de Versalhes impôs severas penalidades à Alemanha, como a perda de suas colônias (que seriam divididas entre a França e a Grã-Bretanha), proibição de possuir forças armadas e pagamento de indenização aos países vencedores. Assim, a Alemanha entrou na maior crise econômica de sua história.

Vale citar a criação da Liga das Nações, que surgiu a fim de fortalecer os países europeus para que não fossem levados para o caminho da Revolução Russa, redividir os territórios e, principalmente, impossibilitar o surgimento de uma nova guerra. Esta deveria juntar as principais potências mundiais para solucionar pacífica e democraticamente as questões diplomáticas entre os países.

O pagamento das indenizações pela Alemanha iria ajudar a França e a Grã-Bretanha, que contraíram altíssimas dívidas com os Estados Unidos no decorrer da guerra (a fim de pagar tropas e iniciar a reconstrução). Assim, tanto a França como a Grã-Bretanha contavam com os valores vindos da Alemanha para o pagamento dos empréstimos norte-americanos (Quadro 1).

O problema era que a Alemanha não tinha nenhuma condição financeira de pagar tais dívidas, principalmente ao pensar que eram necessários superávits nas contas internacionais alemãs (aumento das exportações e diminuição das importações). Para conseguir tal superávit, eram necessários pesados investimentos na indústria nacional e aumentar os impostos de bens importados. Ambas as necessidades eram inviáveis; o país não tinha recursos e se encontrava esgotado devido à guerra.

Keynes critica, em *The Economic Consequences of Peace* (1922) as rígidas decisões tomadas no Tratado de Versalhes. Para ele, os países dirigentes (França, Reino Unido, Estados Unidos e Itália) não se preocuparam com as consequências humanitárias de tais punições, não levaram em consideração que a Alemanha estava devastada e com uma sociedade prejudicada.

*“O Conselho dos Quatro não deu atenção a essas questões por estar preocupado com outras – Clemenceau, em esmagar a vida econômica do inimigo; Lloyd George, em fazer um acordo e levar para casa alguma coisa para exibir durante uma semana; o Presidente [Wilson, dos Estados Unidos], em não fazer coisa alguma que deixasse de ser justa e certa. É um fato extraordinário que o problema econômico fundamental de uma Europa faminta e desintegrada diante de seus olhos constituísse uma questão incapaz de despertar o interesse dos Quatro. No campo econômico, as*

*indenizações de guerra eram sua principal preocupação; eram tratadas como um problema de teologia, de política, de chicana eleitoral – ou seja, sob todos os aspectos, exceto no que se refere ao futuro econômico dos Estados cujo destino estavam decididos.” (KEYNES, 1984, p.54)*

Porém, tais críticas não afetaram as decisões tomadas pelos países vencedores. A Alemanha tinha que cumprir todas as penalidades impostas. Para isso, o governo alemão aumentou seus gastos e endividamento, gerando uma forte pressão inflacionária. Assim, a Alemanha entrou em um período marcado por hiperinflações.

### 2.1.3. A França após a Primeira Guerra Mundial

Depois da Primeira Guerra Mundial, a atividade econômica francesa se encontrava em declínio. Entre os grandes países que lutaram, a França foi, sem dúvidas, o mais atingido, uma vez que a maior parte dos combates foi feita em seu território.

Como consequências financeiras da guerra, podemos citar a redução da credibilidade com os países estrangeiros, por meio de reivindicações de ódio (como por exemplo, os empréstimos feitos pelos russos na época de guerra) ou simplesmente pela queda do franco, devido aos altos gastos com a guerra. Houve também a significativa redução das reservas de metais preciosos e a alta da dívida externa, principalmente com a Grã-Bretanha e os EUA, que foram os principais financiadores e que levou ao problema das “dívidas aliadas”.

A produção agrícola e industrial recuou em aproximadamente 45%, comparando 1913 a 1919. O volume das exportações, em 1919, não chegou a um terço do volume das importações, mostrando assim uma balança comercial fortemente deficitária. Porém, em 1924, as produções industriais e agrícolas voltaram ao nível de 1913.

Os problemas de reparações do pós-guerra deram origem a uma série de conflitos que tiveram um papel marcante dentro dos desequilíbrios do pós-guerra:

um conflito entre a França e seus aliados, entre a França e a Alemanha e também entre os diferentes partidos políticos franceses, que estavam em desacordo com a conduta adotada em relação aos alemães. Assim, a França estava passando por conflitos tanto externos quanto internos.

O desacordo com os Aliados se manifestou primeiro com a Alemanha derrotada. Os Aliados aceitaram o princípio das reparações, que se encontrava no Tratado de Versalhes: a Alemanha era financeiramente a responsável pela guerra. Porém, a preocupação do governo francês era o reconhecimento por parte dos credores de uma relação entre o reembolso da dívida e o pagamento de reparações, ou seja, a França queria reivindicar aos Aliados as somas que lhe eram devidas pela Alemanha. Em contrapartida, os alemães enfrentavam uma recusa categórica do governo americano, que aderiu a uma posição estritamente jurídica.

A França insistiu em obter o montante total que era devido pela Alemanha e, caso os Aliados tentassem moderar este, poderia gerar desequilíbrios intoleráveis. Nessas condições, o acordo só pôde ser realizado dois anos depois, em 1921, após longas discussões. O montante exigido da Alemanha totalizava 132 milhões de marcos de ouro, sendo destes 52% para a França.

A aplicação dos reparos deixou os franceses desapontados, devido às impressionantes diferenças entre as exigências iniciais e aquilo que a França realmente conseguiu obter. O balanço financeiro não foi desprezível, uma vez que o país recebeu no total (até a cessação permanente de pagamentos em 1931) um pouco menos de 10 bilhões de francos-ouro. Durante o período foi aplicado o plano Dawes (um plano provisório para viabilizar o pagamento das dívidas que a Alemanha possuía após o Tratado de Versalhes), no qual foram realizados pagamentos anuais que representavam cerca de 2% da renda nacional – ainda que, pelos cinco anos, representavam cerca de 15% do conjunto de despesas do Estado de regiões devastadas. O pagamento dos franceses das dívidas com os Aliados representava aproximadamente 30% dos montantes recebidos como reparações e, o resto, no entanto, eram substanciais para a França

## 2.2. A crise de 1929: visões e interpretações

O período da crise de 1929, também conhecida como a “Grande Depressão”, se estendeu até 1941. Porém, a fase mais crítica, que ficou conhecida como “Grande Contração” foi até 1933.

A Grande Contração teve início em julho de 1929, quando o pico da atividade econômica foi atingido, até março de 1933, quando o sistema bancário entrou em colapso. O maior impacto da quebra de mercado de 1929 veio em forma de redução de gastos de bens de consumos duráveis. As famílias, com suas rendas futuras mais incertas depois da quebra da bolsa, cortaram os gastos com automóveis e compras de casas, por exemplo. Essa pausa nos gastos dos consumidores foi seguida por uma onda de falências bancárias.

*“De fato, não é apenas por meio do crédito direto a certos consumidores, é principalmente por meio de uma política monetária, ora comandada por circunstâncias excepcionais, ora conscientemente inspirada pelo desejo de manter o nível dos preços ou de vir em socorro de certos países com dificuldades de câmbio, que se favoreceu um movimento internacional de especulação cujo efeito foi o de manter e favorecer um consumo artificial no decorrer de 1928 e 1929”.* (SILVA, Anderson Antonio e FERNANDES, Bernardo Mançano e VALENCIANO, Renata Cristiane Valenciano. **RIST--relatório de impactos socioterritoriais: desenvolvimento territorial e políticas públicas no Pontal do Paranapanema.** Editora Incra, 2016. )

Para os marxistas, a crise foi interpretada como um colapso inevitável do capitalismo. Porém, o que é certo, é que ela esteve no centro da turbulência do período entre guerras.

Existem diversas versões sobre as causas da crise de 1929, mas, segundo Peter Temin (1975), é muito pouco sabido sobre tal tema. A crise foi a pior na história (até então, 1975) e dada sua magnitude é muito difícil desvendar as causas. Segundo o autor, uma das questões principais foi a falta de uma política

macroeconômica expansionista efetiva, isto é, não foram tomadas medidas monetárias e fiscais que amenizassem os efeitos da crise.

Friedman e Schwartz (1971) discutem a oferta monetária e ignoram a demanda, assumindo assim que mudanças no estoque monetário ocorrem somente devido a mudanças na curva de demanda. Assim, dizem que o estoque monetário caiu no início de 1930 devido a uma queda independente da oferta de moeda. Tal diminuição do estoque ocorreu devido a um declínio no crédito do Federal Reserve. Os autores enfatizam que uma das principais causas da crise se iniciou no início da década de 1920, com uma superprodução americana, também conhecida como “a nova era”.

Galbraith (1954) comenta um comportamento irracional dos indivíduos no período pré-crise. Uma facilidade de adquirir crédito para ações na bolsa de valores fez com que muitas pessoas operassem com uma alta alavancagem financeira; os investidores estavam muito excitados com os altos retornos, sem tomar muito conhecimento de todos os riscos envolvidos.

Para Carvalho (2008), a dinâmica da queda brusca do mercado é resultado de uma maior demanda por moeda que obriga os indivíduos a venderem ações, que são títulos mais líquidos. Os efeitos da crise mostraram que muitas das empresas listadas na bolsa na verdade não produziam nada; eram consequência apenas das especulações dos investidores que conseguiam crédito facilmente e estavam com uma visão demasiadamente positiva sobre o mercado financeiro.

Asselain (1984) explica como a crise se propagou na França. O país entrou na depressão em etapas, sofrendo passivamente os diferentes choques exteriores sucessivos. A sexta-feira negra de Wall Street (o dia em que a Bolsa de Nova Iorque quebrou) passou quase que despercebida, ela não teve quase nenhuma incidência visível e imediata na situação econômica francesa. O país era conhecido no início de 1930 como uma ilha da prosperidade, com uma diferença gritante nos índices de desemprego se comparado a outros países mais afetados pela crise, como a Inglaterra e Alemanha. Ao comparar com os países subdesenvolvidos, onde as exportações de matérias primas reduziram não apenas de volume, mas também de valor, a França foi muito menos afetada de imediato. Os franceses se recusaram a



retomar o pagamento de dívidas inter-aliadas, causando um ressentimento duradouro com os EUA, cujas consequências serão sentidas nas relações entre os dois países até a Segunda Guerra Mundial.

A influência da crise global é manifestada primeiramente na baixa dos preços, sendo, no entanto, favorável para os consumidores, que tiveram uma ligeira diminuição do custo de vida. O único setor seriamente afetado foi o de comércio exterior; as importações sofreram, mas as mudanças nas exportações foram muito mais marcantes, tornando a balança comercial fortemente deficitária.

Tabela 3- Balança comercial francesa e alemã 1928-1932

	Importações (em milhões de francos)		Exportações (em milhões de francos)		Balança Comercial (em milhões de francos)	
	França	Alemanha	França	Alemanha	França	Alemanha
1928	100	100	100	100	0	0
1929	120	99	97	110	-23	11
1930	123	86	89	102	-34	16
1931	117	65	73	93	-44	28
1932	96	54	57	72	-39	18

Fonte: SHAMIS, Raim, *Economics Crises and French Policy: 1930-1936*. 1989. Pag 81

Ainda Asselain (1984), explica a ineficácia das políticas econômicas face a crise, com uma obsessão ao equilíbrio monetário, que nem sempre seria a melhor solução para a situação econômica do país. Explica que, no período, se desenvolveram ideias malthusianas, que procuravam reestabilizar o mercado através de restrições na oferta (uma redução na produção), pois o desequilíbrio dos mercados aparecia como o sintoma mais geral da crise: uma oferta maior que a demanda, que gerava a baixa dos preços.

De acordo com Asselain (1984) a vitória da Frente Popular em 1936, a qual era formada por três partidos – radical, socialista e comunista- significou o início de um período de diversas reformas econômicas estruturais, opostas às ideias malthusianas. Entre estas, estava a política do poder de compra, que buscava aumentar o poder de compra para estimular o consumo e transmitir para a economia.

### 2.3. A França na década de 1920

De 1921 a 1922, o pagamento das reparações do pós guerra aplicou-se de maneira cada vez pior. Em janeiro de 1923, a Alemanha solicitou uma moratória completa de pelo menos três anos. O governo francês Poincaré respondeu ocupando o Ruhr, que foi economicamente cortado do resto da Alemanha. Assim, os eventos mais marcantes foram a queda o marco e a desorganização da economia alemã.

No ano seguinte, o Plano Dawes (1924) abriu um novo capítulo na história de reparos. Aparentemente com facilidade, uma solução poderia ser encontrada através do surgimento de vários novos elementos. Primeiro, observou-se uma enorme concessão de créditos dos Estados Unidos. A França, por sua vez, aceitou as concessões consideráveis sobre o montante. Não é possível fazer uma comparação exata com o programa adotado em 1921 (o número de anos não é especificado no Plano Dawes), mas o Plano Dawes, também previa um pagamento em prestações, com cada parcela baixa em 1925, a qual deveria ir aumentando gradualmente com a recuperação da economia alemã.

Os erros políticos e técnicos sobre reparos foram, no entanto, consequências muito prejudiciais. O montante da compensação poderia ser maior se a França tivesse concordado, em 1919, que as entregas fossem efetuadas em espécie. E, sobretudo, a economia francesa sofreu muito com a incerteza prolongada. Ela passou, primeiramente, por uma fase de ilusões, servindo de pretexto para adiar o momento de enfrentar os desequilíbrios oriundos da guerra. Em seguida, uma fase de agravamento e de instabilidade política incompatível com a solução de problemas básicos. O fracasso dos reparos é, portanto, um fator decisivo na crise monetária.

Foram cometidos erros políticos e falhas nas técnicas de reparo, que foram consequências muito prejudiciais. O montante da compensação poderia ser elevado se a França tivesse acordado, em 1919, as entregas em espécie. Porém, a França sofreu muito com a incerteza prolongada. Ela passou primeiro por uma fase de ilusões mais ou menos voluntariamente mantidas, servindo como pretexto para adiar o momento de enfrentar os desequilíbrios nascidos no pós-guerra. Depois, passou por uma fase de exasperação e de instabilidade política incompatível com a solução

de problemas básicos. Esta falha de reparos foi um fator decisivo para a crise cambial, que a França enfrentou na década de 1920.

### 2.3.1. A crise monetária e estabilização do franco

Durante quase oito anos, a crise monetária se agravou cada vez mais. O aumento dos preços no mercado interno e a desvalorização do franco no mercado de câmbio não paravam de acelerar; os governos tanto de esquerda quanto de direita faziam de tudo para lutar contra o *déficit* fiscal que o país enfrentava. Parecia ser uma situação irreversível e ambos os governos já estavam esgotados na luta contra o *déficit*.

A breve inflação pré-guerra foi em grande parte esquecida. Por volta de 1918, o dogma do padrão-ouro ainda prevalecia. Era óbvio para todos que o regresso a uma situação normal deveria incluir a recuperação da paridade de ouro existente antes da guerra. Na França, assim como na Inglaterra, as relações entre o poder de compra interno e as respectivas taxas de câmbio estavam sujeitas a uma incompreensão geral do mercado de câmbio.

A crise inflacionária manifestou-se em vários tipos de desequilíbrios inter-relacionados: o alto aumento dos preços, depreciação do franco suíço no mercado de câmbio e do *déficit* orçamentário em curso. Mas qual seria exatamente a ligação entre os três fenômenos? Qual seria o mecanismo de inflação?

Para os contemporâneos, o *déficit* orçamentário seria a fonte de inflação, assim como a emissão de moeda. Se a causa da inflação deveria ser atribuída ao *déficit*, este seria, essencialmente, o *déficit* acumulado durante a guerra. Em outras palavras, este seria o enorme aumento da dívida pública, cujos custos aumentaram mais de dez vezes em comparação com o período pré-guerra. Já a desvalorização do franco seria justificada pelo aumento nos preços domésticos.

Apenas em julho de 1926, o governo de Poincaré terminou com a especulação do franco no mercado de câmbio. Desta maneira, os preços domésticos se estabilizaram, o *déficit* orçamentário se tornou excedente e o franco se tornou uma das moedas mais fortes, atraindo altos fluxos de investimentos estrangeiros.

O governo Poincaré surgiu em julho de 1926, em uma atmosfera de pânico, de ataque político e financeiro. Um programa de recuperação foi imediatamente anunciado. O programa incluiu concessões à direita, com uma redução das taxas de imposto sobre o rendimento, assim como medidas com caráter essencialmente psicológico, que contavam eliminar algumas subprefeituras, poupando-se assim uma reforma constitucional. Finalmente, foram tomadas medidas de política monetária, quando o Banco da França registrou uma taxa de desconto a fim de atrair capital estrangeiro e reduzir os pedidos de crédito.

Os resultados imediatos superaram as expectativas; a taxa de câmbio se recuperou imediatamente e os preços tanto no atacado quanto no varejo se estabilizaram. Poincaré também se beneficiou de uma conjuntura favorável, uma vez que o plano Dawes trazia uma renda regularmente ao país. Em termos reais, o peso da dívida foi reduzido na mesma proporção que o aumento dos preços: esta é a causa fundamental do sucesso de 1926, que não poderia ter ocorrido em 1924. De acordo com Alfred Sauvy “O fruto estava maduro, restava-se apenas colher”.

### **3. Efeitos e desdobramentos da Depressão na economia francesa**

O colapso nos Estados Unidos reagiu em um mundo no qual muitos países eram diretamente dependentes desse país, seja através da compra de matérias-primas ou através de empréstimos de bilhões de dólares.

Enquanto os outros países estavam lutando para escapar do efeito da grande circulação de papel moeda, os Estados Unidos entraram em uma inflação considerável, a base de ouro, em 1921, que contribuiu para o período de prosperidade dos norte americanos, uma vez que esta era uma alavanca para uma expansão especulativa, de uma maneira antes jamais vista na história. Mesmo antes da crise, tal crescimento dos norte americanos atraiu grande participação de outros países, levando a uma entrada ainda maior de ouro no país.

A França teve um papel importante neste grande fluxo de entrada de ouro nos Estados Unidos. Ela, devido às pesadas importações, enviou para os EUA uma quantia enorme de ouro. Ambos os países tinham juntado não muito menos que três quintos do estoque de ouro mundial. (MALSBERGER, John W. pág.273)

Quando as taxas de juros começaram a aumentar de uma maneira mais brutal, o corte de empréstimos estrangeiros dos Estados Unidos forçou a maioria dos Bancos Centrais do mundo a aumentar também suas taxas de juros, chegando assim a patamares proibitivos, sendo inviável aos comerciantes, que estavam acostumados a pegar empréstimos a uma baixa taxa de juros para investir em seus negócios.

Enquanto a crise mundial se expandia para todas as potências do mundo, a França aparentemente havia sido poupada. Em um ensaio alemão de Friedrich Sieburg lançado em 1930 e intitulado “Será que Deus é Francês?”, foi dito que a França seria um “paraíso fora de moda”.

*“Em dezembro de 1930, o neoconservador André Tardieu, então presidente do Conselho, não hesitou em proclamar sua satisfação diante da situação da economia francesa: “Uma das razões pelas quais a opinião*

*estrangeira admira o povo francês está na resistência desse à depressão econômica mundial. A harmonia da estrutura da França e as medidas tomadas no tempo desejado pelas autoridades facilitaram essa resistência. A prudência natural do povo francês, sua faculdade de adaptação, sua modernização e sua coragem contribuíram para isso.”* (LIMONCIC Flávio e MARTINHO Francisco Carlos Palomares. **A Grande Depressão**. Pág.254)

Realmente, a França apresentava ótimos resultados econômicos, com o índice da produção industrial tendo atingido seu maior apogeu em maio de 1930. O desemprego era praticamente inexistente e as finanças se encontravam em um estado satisfatório, tendo o governo um superávit primário, que chegava a compensar a balança comercial ainda deficitária. Vale ressaltar que as reservas do Banque de France aumentavam continuamente (67 bilhões de francos em 1929 e 80 bilhões em 1930).

A sexta feira negra de Wall Street não teve um impacto imediato e visível sobre a economia francesa. A França, em 1930, de acordo com Asselain (1984), parecia uma ilha de prosperidade. O contraste com o aumento do desemprego em outras nações era impressionante.

Tardieu, o presidente do Conselho da França, era conhecido por ser um ideal de um neocapitalismo, que associava altos rendimentos e salários, progresso e solidariedade entre as classes sociais. Ele se preocupava também bastante com a justiça social, buscando sempre uma menor desigualdade. Porém, havia um problema: ele havia baseado seu modelo tomando como exemplo o governo norte americano, que estava desabando. Dessa maneira, a direita considerava que a crise americana era uma “revanche do real e uma justificação da prudência francesa” (SCHOR, Ralph. Les Etats-Unis vus de droite. La crise américaine de 1929 à travers la presse français de droite. Pag.568).

Por outro lado, um conjunto de famosas revistas francesas acreditava que o melhor caminho para o desenvolvimento econômico seria através da adoção de métodos americanos, apoiando o sindicalismo e o fordismo. Os políticos também se mostravam favoráveis a essas ideias.

A crise americana provocou não apenas na França, mas também na maior parte dos países europeus, um sentimento de frustração e desencadeou manifestações de antiamericanismo.

### 3.1. A entrada da França na crise

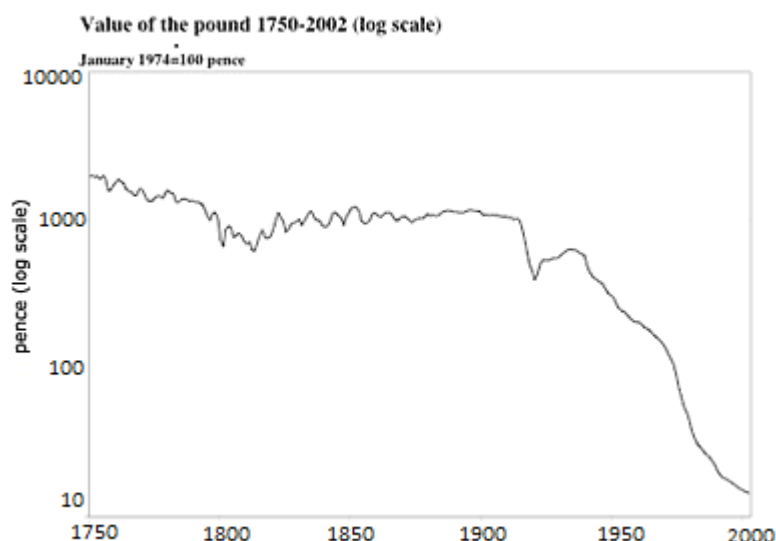
Em 1930, atividade econômica se estabilizou, ao invés de cair acentuadamente, como ocorreu em grande parte dos países europeus. A influência da crise global se manifestou pela primeira vez pelo preço mais baixo do trigo e, sendo a França exportadora deste, foi prejudicada. Mesmo havendo um ligeiro aumento das importações na época, a queda das exportações foi maior, tornando a balança comercial mais deficitária. A queda das exportações pode ser explicada pela queda das atividades econômicas em outros países (que reduziram suas importações) e pelo elevado nível de preços que os franceses cobravam em relação aos estrangeiros, diferentemente da Grã-Bretanha. Nesta, os preços eram baseados nas taxas de câmbio, fazendo com que passasse por dificuldades com a desvalorização da libra.

Não podemos dizer que os franceses não reagiram à quebra da bolsa de Nova Iorque. Foi considerada a amplitude e gravidade do ocorrido, gerando um sentimento de temor e insegurança. Por isso, os políticos franceses se esforçaram para aquietar a população e transformar tal inquietude em tranquilidade. Tal otimismo foi mantido até setembro de 1931, quando a libra inglesa sofreu uma forte desvalorização. A libra deixou de ser conversível em ouro, tornando-se uma moeda flutuante, assim se depreciando rapidamente no mercado de câmbio.

Milton Friedman (1971) observa que os países que seguiram a Inglaterra e abandonaram o padrão-ouro (como a Dinamarca, Suécia, Noruega, Finlândia e Japão), passaram por uma recuperação econômica. Ou seja, estes, assim como a Inglaterra, foram beneficiados com a desvalorização da libra. O preço do ouro tornou-se demasiadamente elevado em comparação com os países cuja moeda foi desvalorizada, o que tende a mantê-los em um *déficit* comercial permanente. Assim,

os que seguiram os Estados Unidos e aceitaram a deflação, sofreram os efeitos da contração econômica até aproximadamente 1933. Os Estados Unidos abandonaram o padrão ouro somente em 1933 e a França em 1936.

Figura 1 – Valor da Libra inglesa (1750-2002)



Fonte: The Long and tragic history of the pound. Disponível em: < <http://therealasset.co.uk/the-long-and-tragic-history-of-the-pound/> > Acesso em 7 de setembro de 2016.

Tal desvalorização não era esperada pelos franceses, deixando os políticos, no momento, sem reação. A Inglaterra era vista como um ponto forte do capitalismo e, ao passar por uma crise, deixou os outros países reciosos. A França poderia neste momento se tornar um dos pilares que sustentam a economia mundial, porém, um sentimento pessimista se generalizava entre os franceses.

A França começou a sentir realmente os efeitos da crise norte americana em 1931, quando a libra deixa de ser conversível em ouro, tornando-se uma moeda flutuante, sujeita a rápida depreciação no mercado de divisas. A decisão não foi resultado de uma política liberal, mas sim uma decisão pressionada pela catástrofe das circunstâncias – no momento, as reservas de ouro britânicas estavam diminuindo brutalmente como resultado do *déficit* comercial, amplificado pela especulação.



A partir de 1931, a França se reinstalou em uma situação de *déficit* orçamentário permanente. Sabe-se hoje em dia que o *déficit* não foi a causa, mas sim a consequência da depressão: a baixa da atividade econômica levou inevitavelmente a uma diminuição das receitas do Estado, que era impossível de ser compensada por uma redução equivalente das despesas, que eram a maioria fixas por natureza. Também sabemos que a eliminação do *déficit* em um período de depressão não é somente impossível, como também insustentável: as despesas do Estado dão apoio à manutenção da atividade econômica.

Os indicadores econômicos começaram a se tornar preocupantes. O índice de produção industrial (para uma base 100 em 1929), que havia caído para 86 em 1931, despencou para 72 em 1932.<sup>1</sup> A agricultura francesa também foi bastante prejudicada, com o preço do trigo diminuindo 40% em apenas algumas semanas. Como consequência também, a renda nacional caiu 20% entre 1930 e 1932. Quanto ao desemprego, mesmo ainda estando bem inferior quando comparamos com os demais países, estava aumentando de uma maneira rápida, o que passou a ser mais uma preocupação para os franceses. Não podemos deixar de citar a queda nos investimentos na França, que estava ligada ao colapso dos lucros.

A persistência da crise econômica teve um profundo impacto sobre os orçamentos, devido ao aumento das despesas com desemprego e assistência, como podemos ver na tabela a seguir:

Tabela 4 – Despesas com desemprego e assistência (1932-1936)

Anos	Subsídio pago (em milhões)	Concessão do Estado (em milhões)	Parte dos municípios e departamentos (em milhões)
1932	924	556	368
1933	1013	592	421
1934	1294	792	502
1935	1618	1033	585
1936	1967	1199	768

<sup>1</sup> LIMONCIC Flávio e MARTINHO Francisco Carlos Palomares. **A Grande Depressão**. Rio de Janeiro, Brasil. Editora Civilização Brasileira. 2009. 1ª edição. Pág 257

Fonte: CARCHON, Raymond, ***Les finances locales depuis la crise économique de 1931***. 1942. Pág 8

De acordo com Kenneth Mouré, tratava-se de uma “crise cíclica de superprodução, agravada pelas mutações engendradas pelas consequências da primeira guerra mundial, com um surgimento tardio, explicável por causas monetárias, uma vez que o crédito havia sido dispensado”<sup>2</sup>. Era essencial um ajuste no orçamento governamental e na política monetária. Começou-se um debate sobre uma possível necessidade de desvalorização do franco, mas tais visões passaram a ser criticadas e malvistas por grande parte da população. Era necessário levar em consideração também as consequências sociais de uma política de deflação. Os resultados obtidos não alcançaram as expectativas e as eleições legislativas de 1932 deixaram grandes desafios para a direita parlamentar, que estava no poder desde 1926, no governo de Poincaré.

Os políticos, a partir de 1932, tomaram medidas de acordo com as circunstâncias, onde o ponto em comum era reduzir determinados efeitos da crise, sem agir nas causas da mesma. Tomaram medidas contra o *déficit* orçamentário, contra o desequilíbrio do mercado interno e contra o *déficit* externo. Apenas a partir de 1935 é que apareceram políticas com uma análise global das condições da crise: uma política de deflação no governo Laval (de 1935 a 1936). Tal política, particularmente controversa, explica em grande parte a fraqueza da direita nas eleições de 1936.

Nas eleições legislativas de 1932 foram discutidos desafios mais políticos e institucionais, não muito econômicos. Tardieu se manteve como presidente do Conselho, portanto, a ideia de reforma do Estado continuou vigorando. Ele desejava uma modernização econômica e social e gostaria de se alinhar a caminho do bipartidarismo, com votos uninominais em um turno e uma clara fronteira entre maioria e oposição. Dessa maneira, o presidente do conselho estava criticando o funcionamento do parlamentarismo, julgando o mesmo como ineficaz.

---

<sup>2</sup> MOURÉ, Kenneth. La perception de la crise par les pouvoirs politiques. Le mouvement Social, n°154. 1991. P.140

Tais medidas tomadas por Tardieu, não agradaram a população. Os eleitores optaram pela esquerda radical e socialista, levando Edouard Herriot à chefia do governo. Este, querendo garantir sua seriedade e comprometimento com as finanças do país, afastou os socialistas de seu partido e nomeou Louis Germain-Martin (professor de economia política e ministro do Orçamento no gabinete anterior) como ministro das finanças.

O novo chefe do governo se deparava com um sério problema no *déficit* orçamentário do governo, que estava crescendo. Este era nocivo tanto no plano financeiro quanto no plano monetário. Para alcançar o ajuste necessário, entre diversas medidas tomadas, Herriot optou por uma conversão da dívida. Porém, mesmo assim, o *déficit* continuava a progredir, mostrando a ineficácia de sua política e piorando seu apoio diante à Câmara; os socialistas e radicais se revoltavam cada vez mais com sua governança.

Após uma ocasião de derrubada do governo, Joseph Paul Boncour, que era mais próximo dos radicais, substituiu Herriot no poder.

*“Fiel aos próprios princípios, o novo ministro propôs, no rastro das sugestões que lhe foram feitas por uma comissão de especialistas presidida pelo subdiretor do Banco da França, um projeto envolvendo 5,3 bilhões de francos de economia (especialmente obtidos por uma redução do tratamento dos funcionários e das pensões dos antigos combatentes) e 5,5 bilhões de francos de novas receitas. Esta era uma primeira tentativa aberta de deflação”* (LIMONCIC Flávio e MARTINHO Francisco Carlos Palomares. **A Grande Depressão**. Pág.262)

No momento em que Hitler chegou ao poder na Alemanha, a França procurava uma política externa independente e coerente com seus princípios e objetivos, mesmo que isso gerasse conflitos internos. Dessa maneira, começaram a ocorrer diferentes escândalos, sendo o mais famoso o caso Stavisky, que se originou em uma revolta em 6 de fevereiro de 1934.

A França começava a entrar em uma crise que poderia mudar a forma com que era gerida, na qual a situação econômica era apenas uma de muitas reivindicações.

Gaston Doumergue assumiu o poder em 1935, com um objetivo de sair da crise por meio de uma política deflacionista. Apenas nesse período surgiu uma política baseada em uma análise abrangente das condições para a recuperação: a política deflacionista. Esta, particularmente controversa, explica em grande parte a derrota da direita nas eleições de 1936.

A deflação se tornou uma questão a ser resolvida pelo seu sucessor no governo, Pierre Laval, que o substituiu em 7 de junho de 1935 e tinha como missão “salvar o franco”. Entre as medidas adotadas por ele, estavam a redução em 10% de todos os gastos públicos, aumentos fiscais (sobretudo sobre os rendimentos dos valores imobiliários) e reduções de 10% das despesas privadas (como, por exemplo, gás e eletricidade).

Porém, para conseguir atingir a deflação desejada, era necessária a contração da demanda, o que induziria um reforço das tendências protecionistas, sendo assim uma operação de grande risco, que poderia trazer um isolamento econômico. Para diminuir tais riscos, foi aceita uma moderada desvalorização do franco e foram tomadas medidas de liberação comercial.

*“A deflação se desenvolvera numa situação ambígua com a retomada registrada no segundo semestre de 1935: ela não conseguira ajudar na eliminação da sobrevalorização dos preços franceses ( o que onerava a situação do comércio exterior). A situação econômica da França na virada de 1935-1936 não era, contudo, tão calamitosa quanto pensavam a opinião pública e algumas forças políticas” (LIMONCIC Flávio e MARTINHO Francisco Carlos Palomares. A Grande Depressão. Pág.264)*

Durante os encontros da nascente Frente Popular, os “decretos de miséria” de Laval eram vaiados, mesmo com a retenção da progressão do desemprego e uma retomada da produção industrial, que havia aumentado 11,5% no último ano.

Laval era o “alvo dos horrores”<sup>3</sup> da Assembleia Popular, sendo acusado de ter alterado tudo por meio de intrigas e espertezas, reduzindo tudo à escala de seus pequenos meios.

---

<sup>3</sup> LIMONCIC Flávio e MARTINHO Francisco Carlos Palomares. A Grande Depressão. Pág.264

## 4. A Frente Popular: reformas e ajustes à crise

### 4.1. Política: Frente Popular e suas origens

O termo “frente popular” se refere a diversas forças coligadas de partidos de esquerda, juntamente a burgueses liberais e radicais republicanos, surgidas nas décadas de 1920 e 1930.

*“As “frentes populares” foram concebidas em um movimento de “giro” da Internacional Comunista. Nos anos vinte, até a ascensão do nazismo, o órgão máximo dos partidos comunistas aplicou uma política tida por muitos como ultra-esquerdista, a qual negava qualquer tipo de aliança entre os partidos comunistas e os partidos da social-democracia (partidos socialistas). Esta posição foi adotada no VI Congresso da Internacional Comunista, a qual abandonou a linha da frente única, proibindo qualquer aliança com a social-democracia, caracterizada como a “ala esquerda do fascismo”.” (**Frente Popular**. Disponível em < [https://pt.wikipedia.org/wiki/Frente\\_Popular](https://pt.wikipedia.org/wiki/Frente_Popular) > Acesso em 09/09/2016)*

Entre estas, as que tiveram mais destaque no período foram a da França, Espanha e Chile. Como estamos aqui tratando dos efeitos da crise de 1929 na economia francesa, vamos discutir apenas a primeira das três frentes populares citadas.

A Frente Popular francesa teve seu surgimento em dezembro de 1935 e era formada por socialistas reformistas, comunistas e radicais. Tendo ganhado as eleições parlamentares de maio de 1936, com o primeiro ministro Léon Blum, que se manteve no poder até 1938.

O grupo iniciou a campanha das eleições legislativas com uma denúncia das divisões da esquerda alemã, nas quais estava incluído o partido nazista, seguida por diversas outras propostas, como o relançamento da economia nacional. Este relançamento tinha como objetivo a melhoria das condições de vida do operariado e campesinato francês.

Podemos dizer que o programa da Frente Popular francesa estava próximo aos radicais, com propostas de jornadas trabalhistas de quarenta horas e nacionalização das indústrias de guerra.

Tendo como lema “Pelo pão, pela paz, pela liberdade”, os socialistas ganharam pela primeira vez as eleições de 1936, constituindo-se como um governo democrático, sendo apoiado pelos comunistas.

#### 4.2. Política econômica: reformas adotadas e consequências

Léon Blum começou seu governo enfrentando diversas greves sem precedentes, marcadas por ocupações de fábricas. Para resolver tais reivindicações, o novo presidente do Conselho assinou um acordo chamado Acordo Matignon.

No novo acordo, estavam previstos aumentos salariais de 7% a 15%<sup>4</sup>, a instituição de novos contratos coletivos de trabalho e a nomeação de delegados nos estabelecimentos que empregassem mais de dez assalariados. O acordo foi seguido por diversas reformas legislativas no campo trabalhista, como a inclusão de duas semanas de férias pagas e a jornada de trabalho semanal de quarenta horas.

Entre outras reformas adotadas, estavam a criação de um escritório do trigo que controlasse o preço e a oferta no mercado, o fim da dominação dos “regentes” no Banco da França e a nacionalização da indústria bélica.

*“Se o Ministério da Economia e das Finanças, confiado ao socialista Vicent Auriol, conservava suas missões anteriores, o Ministério da Economia Nacional, dirigido por Charles Spinasse, que reuniu como conselheiros Jean Coutrot e Alfred Sauvy, tecnocratas do grupo X-Crise, tinha por missão assegurar a unidade da direção das iniciativas do governo no domínio econômico.”* (LIMONCIC Flávio e MARTINHO Francisco Carlos Palomares. **A Grande Depressão**. Pág.266)

---

<sup>4</sup> LIMONCIC Flávio e MARTINHO Francisco Carlos Palomares. A Grande Depressão. Pág.265

Blum desenvolveu uma política intervencionista, tal como fizera o New Deal e o Governo Nacional britânico. Não podemos deixar de citar a instituição do *Welfare State* na França, que deu um grande impulso na legislação social.

As ambições proclamadas de racionalização geral do país e estabelecimento de alianças industriais ficaram longe de ser realizadas. Desde meados de junho de 1936, o governo Blum teve de enfrentar conflitos e oposições dentro de seu próprio partido e, do outro lado, a direita e a imprensa instigavam as origens judaicas do novo primeiro ministro. Assim, surgiu o Partido Social Francês, dirigido pelo tenente-coronel de La Rocque, composto pela massa de inspiração católica e social.

Na mesma época, Reynaud, um economista de direita, notou que a política de deflação adotada por Blum implicaria uma forte desvalorização da moeda francesa, algo que o atual primeiro ministro sempre foi contra em suas campanhas. Assim, Blum entrou em uma contradição na política econômica adotada.

Ao mesmo tempo, a produção industrial estava em queda, havia uma forte fuga das reservas de ouro do país, provocando análises alarmistas dos especialistas da época.

Para tentar resolver tal crise econômica em que o país estava mergulhando, Blum buscou celebrar um acordo com a Grã Bretanha e com os Estados Unidos, ambos cientes da situação francesa. Neste, o primeiro ministro tentou fazer um alinhamento geral das moedas, porém, fracassou, uma vez que a desvalorização do franco já era uma realidade incontornável. Assim, para evitar uma inflação galopante, ele optou por organizar procedimentos de conciliação e de arbitragem obrigatória em relação aos salários.

Como bons resultados da política adotada, tem-se a retomada da produção industrial e a diminuição do desemprego (este passou ao nível mais baixo desde novembro de 1934). Em contrapartida, a balança comercial passou a sofrer um crescente *déficit* (de 676 milhões em junho de 1936 passou para 1,972 bilhões em



fevereiro de 1937)<sup>5</sup> e os preços, tanto de varejo quanto de atacado, aumentaram, havendo assim uma diminuição do poder de compra.

*“As medidas governamentais logicamente suscitaram a oposição da direita, que, pela voz de Reynaus, apontou seus limites e suas contradições. Muitos especialistas, de Jacques Rueff a Gaston Cusin, mostraram-se bastante reservados e inquietos. Elas também suscitaram sérias agitações na maioria da Assembleia Popular, cuja esquerda (a começar pelos comunistas) denunciava sua timidez, enquanto uma parte dos radicais, levada por Joseph Caillaux ao Senado, se manifestava, pela pena ou pela palavra, frontalmente contrária aos efeitos da desvalorização e dos aumentos de preços prejudiciais às classes médias, que eram um viveiro do Partido Radical e, mais amplamente, do modelo da Terceira República”.* (LIMONCIC Flávio e MARTINHO Francisco Carlos Palomares. **A Grande Depressão**. Pág.268)

Em 1937, a situação cambial do país chegou ao limite de gravidade, quando as possibilidades de intervenções do Banco da França se esgotaram. Dada tal circunstância, Blum resolveu agir publicamente e pronunciou em Saint-Nazaire um discurso que ficou conhecido como “discurso de pausa”. Neste, ele propôs reduções de gastos governamentais, uma votação para um empréstimo de 10 bilhões de francos e fim das restrições monetárias. Desta maneira, o governo francês voltou a adotar uma política econômica liberal, contando com o retorno de investimentos diretos estrangeiros. No entanto, a “pausa” proposta por Blum não obteve sucesso. No início de junho de 1937, o governo francês se encontrava com um *déficit* incontrolável, sendo prevista assim uma “catástrofe inevitável”.

Não podemos deixar de citar que, enquanto o primeiro ministro se preocupava em salvar o país da crise econômica (que já estava incontrolável), os protestos de esquerdistas continuavam e havia um crescente descontentamento da classe média e do Partido Socialista (liderado por Marceau Pivert).

---

<sup>5 5</sup> LIMONCIC Flávio e MARTINHO Francisco Carlos Palomares. A Grande Depressão. Pág.267

Um ano após a Frente Popular assumir o poder, o governo se encontrava em uma situação muito ruim. Não vendo outra saída, Blum dirigiu-se ao Eliseu, na noite de 21 de junho de 1937, apresentando sua demissão ao presidente da República.

Camille Chautemps assumiu o poder, no lugar de Blum. Ele não optou por fazer grandes variações nas políticas econômicas e sociais já adotadas e entregou as finanças sob responsabilidade de Georges Bonnet, que era famoso por suas medidas radicais e ortodoxas.

Entre diversas medidas tomadas por Chautemps, temos o aumento do teto dos empréstimos do Banco da França, a supressão para o Tesouro de outros encargos que não a defesa nacional e a adoção de um câmbio flutuante. Mesmo os resultados das reservas nacionais de ouro tendo superado as expectativas, a situação social do país se tornava cada vez pior, o que desencadeou uma onda de greves. Ademais, o franco continuava a se desvalorizar em relação à libra esterlina. Sendo assim, Chautemps foi derrubado do poder e Edouard Daladier tomou seu lugar.

Não podemos dizer que o governo de Daladier demonstrou uma ruptura com a Frente Popular, porém, o controle do câmbio e a arrecadação sobre capital não foram considerados em suas políticas. Foram tomadas diversas medidas que demandavam um alto orçamento governamental, sendo Daladier forçado então a aumentar os impostos em mais de 8%, de maneira generalizada; mesmo com essas medidas, a produção e o emprego continuavam com baixos índices.

Para resolver o problema do desemprego, Daladier decidiu alterar a lei das quarentas horas, no que concernia tanto à quantidade admissível de horas extras quanto ao montante de seu pagamento. Tal medida desencadeou uma série de greves no verão de 1938, além de profundas divisões na esquerda política.

Daladier fez apelos às finanças, atacando assim Reynaud, que já fazia parte de uma oposição política econômica da Frente Popular. O último, denunciou publicamente, por meio da rádio, os bloqueios que teriam atingido a economia francesa (excesso de despesas do Estado, rigidez dos preços, mudança na lei das

quarentas horas) e foi apoiado pelos radicais e rejeitado pelos comunistas, que passaram a realizar diferentes greves, impulsionadas pelo Partido Comunista. Porém, tais greves foram controladas e aplicadas severas punições aos grevistas.

Assim, o início de 1939 era marcado por um momento de apaziguamento e foi votada uma primeira lei de anistia. O governo tinha a situação sob controle e Daladier tinha sua popularidade no auge.

## 5. Conclusão

A superprodução americana juntamente com o liberalismo do mercado, isto é, a não intervenção do Estado na economia, levou à quebra da Bolsa de Nova York em 24 de outubro de 1929. A quebra da bolsa afetou o mundo inteiro, uma vez que a economia norte-americana era o centro do capitalismo mundial. Porém, a economia francesa demorou mais para sentir os efeitos da crise. Logo após a quebra, a França era conhecida como uma “ilha de prosperidade”.

Ao longo dos anos de 1930, a economia francesa passou não somente por uma baixa na produção e na atividade econômica, mas também por uma deterioração relativa comparando aos outros países. Asselain (1984) explica que o país entrou na depressão por etapas, sofrendo passivamente os diferentes choques exteriores. Houveram diversas políticas econômicas durante este período para tentar reverter a situação, com uma obsessão ao equilíbrio monetário, que nem sempre seria a melhor solução para a situação econômica francesa.

A recuperação econômica francesa da crise da década de 1930 teve apoio de diversos países vizinhos, como a Alemanha, em um contexto de surgimento de uma economia de guerra.

A vitória da Frente Popular em 1936, formada por três partidos – radical, socialista e comunista- significou o início de um período de diversas reformas econômicas estruturais, opostas às ideias propostas anteriormente. Os socialistas ganharam pela primeira vez as eleições, constituindo-se como um governo democrático, sendo apoiado pelos comunistas.

Os primeiros anos da Frente Popular no poder foram um pouco conturbados. Primeiramente Blum estava no poder. Preocupado em salvar o país da crise econômica, que já estava em um estado incontrolável, não conseguiu conter o crescente descontentamento da classe média e do Partido Socialista com seu governo e, então, após um ano no poder, pediu sua demissão.

Depois de Blum, o poder foi tomado por Camille Chautemps, seguida por Georges Bonet, que tomou medidas radicais e ortodoxas e, depois, Daladier.

Não podemos dizer que o governo de Daladier demonstrou uma ruptura com a Frente Popular, porém, o controle do câmbio e a arrecadação sobre capital não foram considerados em suas políticas. Foram tomadas diversas medidas que demandavam um alto orçamento governamental, sendo Daladier forçado então a aumentar os impostos em mais de 8%, de maneira generalizada; mesmo com essas medidas, a produção e o emprego continuavam com baixos índices. Tal medida desencadeou uma série de greves no verão de 1938, além de profundas divisões na esquerda política. Daladier fez apelos às finanças, atacando assim Reynaud, que já fazia parte de uma oposição política econômica da Frente Popular e acabou por assumir o poder.

Jean Paul Reynaud, que era um político bastante otimista, estava no poder no início de 1939 e pretendia realizar um programa de estabilização parecido com o feito por Poincaré no final da década de 1920. O político obteve sucesso em sua política, tendo um retorno de certos índices econômicos essenciais, que estavam em depressão nos últimos anos. Vale ressaltar um importante desenvolvimento na indústria, uma subavaliação do franco e a retomada de alguns setores (que antes estavam estagnados) como o automobilístico.

Segundo Eugen Weber (1995), a França era um “país desenvolvido num estado avançado de decomposição”, cuja “decadência [...] se tornou uma evidência em todos os domínios”, mesmo que a crise francesa tenha sido econômica, política e diplomática, marcada pela incapacidade de decidir e manter rumos precisos, especialmente em matéria de política externa ou de reforma institucional.

Podemos citar entre algumas lições que a França aprendeu com a crise o esclarecimento dos limites do modelo republicano e a importância de alcançar o equilíbrio orçamentário juntamente com o entendimento do princípio de desvalorização do franco. Nos anos 1930 nasceu a noção de política econômica juntamente com o surgimento de uma nova categoria de especialistas econômicos,

que auxiliaram na reconstrução do governo. Ademais, as experiências do entreguerras, nascidas da crise, não foram esquecidas e é possível dizer que contribuíram para a modernização da economia e sociedade francesas.

## 6.Referências

ALDCROFT, D. *The European Economy: 1914-2000*. 2001, 4ªed.,London: Routledge

ARTHMAR,R. *Deflação: A Experiência do Bloco Aliado nos anos 20*. Tese de Doutorado. 2002, São Paulo: FEA/USP.

ASSELAIN,Jean-Charles. *Histoire économique de la France du XVIII siècle à nos jours*. France. Editoria Seuil, 1984, 1ª edição. 273p.

CACCOMO, Jean-Louis. *Histoire des faits économiques*. Paris, França. Editora Ellipses. 2015. 1ª edição. 287p..

CARCHON, Raymond. *Les finances locales depuis la crise économique de 1931. Libraire generale de droit et de jurisprudence*. 1942. 211p

CARVALHO, Adriano Ortega. *Uma comparação entre a crise do Subprime e as Crises de 1929 e 1987: Causas e lições*. Monografia apresentada para o curso de Ciências Econômicas. Ibmec São Paulo, 2008. 53p

EICHENGREEN, B. *A Globalização do Capital. Uma história do Sistema Monetário Internacional*, São Paulo: Editora 34, 2000.

FEINSTEIN, C.H.;TEMIN,P. & TONIOLO,G. *The European Economy Between the Wars*. 1997, Oxford: Oxford University Press.

**Frente Popular**. Disponível em < [https://pt.wikipedia.org/wiki/Frente\\_Popular](https://pt.wikipedia.org/wiki/Frente_Popular) > Acesso em 09/09/2016

**Frente Popular francesa**. Disponível em < <http://tempo-da-historia.blogspot.com.br/2010/01/frente-popular-francesa.html> > Acesso em 09/09/2016

FRIEDMAN, Milton e SCHWARTS, Anna Jacobson. A **Monetary History of the United States, 1867-1960**. Paperback. 1971. 888p

GALBRAITH, John Kenneth. **La crise économique de 1929**. Petite Bibliothèque Payot. 1961. 219p

GALBRAITH, John Kenneth. **The Great Crash, 1929**. Houghton Mifflin Harcourt. 1997. 206p

KENWOOD, A.G. & LOUGHEED, E. L. **The growth of the international economy, 1820-1990**. London: Routledge. 1992.

KINGDLEBERGER, Charles. **Economic Growth in France and Britain: 1851-1950**. Nova Iorque, Estados Unidos. Editora Simon and Schuster. 1964. 1ª edição. 377p.

KEYNES, J.M. (1984). **Keynes**. Organizado por T.Szmrecsányi). São Paulo: Ática

LIMONCIC Flávio e MARTINHO Francisco Carlos Palomares. **A Grande Depressão**. Rio de Janeiro, Brasil. Editora Civilização Brasileira. 2009. 1ª edição. 376p.

MALSBERGER, John W. e MARSHALL, James N. **The American Economic History Reader**. Nova Iorque, Estados Unidos. Editora Routledge, 2009. 1ª Edição. 556p.

MOURÉ, Kenneth. **La perception de la crise par les pouvoirs politiques**. Le mouvement Social, nº154. 1991. 220p.

PERSSON, Karl Gunnar. **An economic history of Europe**. Cambridge, Inglaterra. Editora Cambridge. 2011. 4ª edição. 250p.

**Plano Dawes**, Disponível em: < [https://pt.wikipedia.org/wiki/Plano\\_Dawes](https://pt.wikipedia.org/wiki/Plano_Dawes) >. Acesso em 2 de setembro de 2016.



**Primeira Guerra Mundial**, Disponível em: <  
<http://www.infoescola.com/historia/primeira-guerra-mundial/>>. Acesso em 21 de agosto de 2016

SAES, Flávio Azevedo Marques de e SAES,Alexandre Macchione. **História Econômica Geral**. São Paulo, Brasil. Editora Saraiva. 2013, 1ª edição. 646p.

SCHOR, Ralph. **Les Etats-Unis vus de droite. La crise américaine de 1929 à travers la presse française de droite**. Revue d'histoire moderne et contemporaine, 42-4, 1995.

SENNA, José Júlio. **Política monetária: Ideias, experiências e evolução**. Editora FGV. 1ª edição. 2010. 647 p.

SHAMIS, Raim, **Economics Crises and French Policy: 1930-1936**. 1989. 99p.

SCHOR, Ralph “**Les Etats-Unis vus de droite. La crise américaine de 1929 à travers la presse française de droite**”. Revue d'Histoire Moderne e Contemporaine, 42-4. 1995. Págs.568-576

SILVA, Anderson Antonio e FERNANDES, Bernardo Mançano e VALENCIANO, Renata Cristiane Valenciano. **RIST--relatório de impactos socioterritoriais: desenvolvimento territorial e políticas públicas no Pontal do Paranapanema**. Editora Incra, 2016. 373 p.

TEMIN, Peter. **Lessons for the present from the great depression**. Working paper department of economics, Massachusetts Institute of Technology. 1975. 15p.

**The Long and tragic history of the pound**. Disponível em: <  
<http://therealasset.co.uk/the-long-and-tragic-history-of-the-pound/> > Acesso em 7 de setembro de 2016.

WEBER, Eugen. **La France des années 30. Tourments et perplexités**. Paris : Fayard,1995.